

Nos próximos quatro meses as atenções vão concentrar-se nas eleições para governador e só secundariamente, muito secundariamente, se falará nas eleições para a Constituinte. (Nesses 120 dias também continuaremos sem Congresso, empenhados os seus membros em suas próprias campanhas e totalmente desinteressados de tudo o mais que não seja seus desonrários pelo trabalho que não fazem. Aliás, a bem dizer, tão cedo não teremos Congresso, pois a este período pré-eleitoral sucederá o recesso de fim de ano, depois a Constituinte e só daqui a uns 2 anos os deputados e senadores — de que qualidade sabe lá Deus — se ocuparão dos negócios legislativos ordinários. Algum dia destes, alguém fará a ominosa pergunta: e afinal qual a diferença entre o Congresso aberto e o Congresso fechado? E a resposta será: a conta de luz.) Por tudo isto firma-se a cada dia a supremacia do Executivo, poder incontestado por um Judiciário frouxo e um Congresso virtualmente inexistente. Sendo o nosso Executivo regido por um estadista da estirpe de um Sarney I, o Bom, acolitado por d. Maciel, o Venturoso empregador, d. Aureliano, o Energico, e tantos outros mandarins herdados do arbítrio e do clientelismo e vê-se que corre o Brasil o risco de virar um imenso Portugal.

A situação é tanto mais desanimadora quando se especula à frente e verifica-se a pouca possibilidade de mudanças. A renovação de homens, métodos e mentalidades ainda está por iniciar-se, tolhidas as gerações mais moças pelos direitos possessórios dos velhos e carcomidos políticos de carreira sobre as siglas partidárias, e afastados os melhores valores pela repulsa que lhes causa participar de um baixíssimo jogo de leilão de interesses, totalmente despidido de qualquer sentido ideológico ou verdadeiramente político.

Que nas regiões atrasadas do Norte/Nordeste persista o coronelismo, com todas as suas seqüelas, é compreensível, dado o dramático nível de ignorância e miséria de sua população. Mas, que no país São Paulo, com 30 milhões de habitantes, 25% do eleitorado nacional, mais de 50% da renda, nível de vida comparável ao de alguns países europeus, aconteça o que está para acontecer, é inconcebível.

Depois de reabrir a tumba e exumar a sinistra figura do sr. Jânio Quadros, a parcela tida como a mais educada, dinâmica e moderna da nação parece que vai reabilitar o grotesco sr. Paulo Maluf, um finório que tal qual o prefeito não se peja de recorrer ao mais baixo populismo-fascistóide para alcançar — sabe-se por quê — o poder.

A inegável atração que suas posições despertam não é explicável só por certa atitude de cínico desencanto e pelo irresponsável voto cacareco de protesto; mas o é principalmente pela inconsequente indiferença dos eleitores ao processo político e pelo primitivismo cultural de largas fatias da população.

Até hoje, um governador é julgado pelas obras visíveis de engenharia que o Estado realiza durante o seu mandato como se o seu cargo fosse o equivalente ao de construtor-mor. As grandes decisões estratégicas propulsonadoras e garantidoras do progresso, como a educação de qualidade, em quantidade, e a manutenção da lei e da ordem, são confundidas com a mera edificação de prédios escolares e de penitenciárias.

A excelência de um governo nestas bandas é sobretudo mensurada por sua disposição em conceder emprego e favores imerecidos e desnecessários, à custa do erário público. Já os corretos instrumentos de ação governamental, como a boa organização das finanças e a apropriada gestão do funcionalismo, são desconsideradas, não só pelos simplórios, que na sua escassez de luzes não compreendem o seu significado, como também por camadas de elite, sempre prontas a embarcar num bom negócio independentemente de sua moralidade ou ética. E, além disso tudo, também há aquelas inúmeras pessoas que são malufistas ou quercistas ou petistas por motivos tão racionais quanto os que nos fazem ser corinthianos, palmeirenses ou santistas.

Se São Paulo é Belíndia, uma próspera Bélgica com bolsões de miséria indiana, a sua tragédia é que o livre jogo democrático parece condená-la a ser conduzida pelos favoritos das vastas massas ignoras, aliadas pela demagogia, pelo engano e pela corrupção mais descaradas.

Longe de se querer pregar um gênero de aristocracia, o que se quer com isto é chamar a atenção para o retumbante fracasso das raras elites políticas em convencer as massas,

quer pelo exemplo de seu procedimento, quer pelo resultado de suas ações, da superior qualidade de sua proposta. Donde o permanente perigo que espregia a nossa fragilíssima democracia, sempre à mercê de demagogos e caudilhos civis e militares.

Aqui mesmo, em um Estado relativamente tão adiantado que se poderia pensá-lo imune ao aventureirismo, assiste-se, por culpa precipua dos políticos, a derrocada das nossas esperanças. Ocorre que a escandalosa recusa do TSE (instigado pelo min. Maciel) em reconhecer o preceito constitucional dos dois turnos, a divisão da maioria centrista em duas candidaturas mal lançadas, e a espantosa mediocridade do sr. Montoro, abriam as portas para o retrocesso que será a volta do sr. Paulo Maluf.

O PMDB, que em um tempo passado incorporou toda a oposição ao regime que nos atormentou e atraiu, mostra-se hoje uma organização tão frágil quanto frágil é a sua plataforma e ténue o seu programa. Tão frágil que o sr. Antônio Ermírio, lançando-se sozinho à disputa, conquistou de imediato uma larga faixa de apoio, não por possíveis virtudes a serem ainda demonstradas, mas pelo que parecia significar de renovação e de desvinculação com o politiquismo estéril.

O PMDB, com o sr. Orestes Quércia, é um partido à procura de uma causa. O sr. Antônio Ermírio, levado pela afoiteza de seus conselheiros, cometeu o erro de abandonar uma causa à procura de um partido, e neste caminho inverso de corte à bandidagem do PFL, à malandragem de certos ministros e do prefeito Quadros, machucou-se, desmereceu-se e igualou-se.

Agora, incapazes de se compor, PMDB e Ermírio encaminham-se bovinamente para o matadouro do sr. Maluf. Todos sabem que o sr. Quércia, malgrado a máquina do PMDB, não conquistará os votos dos não partidários e todos reconhecem que o sr. Antônio Ermírio não levará os votos dos partidários do PMDB. O grêmio estudantil petista reterá a sua audiência entre os simples de espírito, radicalmente convencidos da simplicidade de suas soluções, e a vitória será da maioria malufista. Nossa, a derrota, por culpa da incompetência e mesquinhez dos partidos e dos políticos.

Assim caminha a Humanidade, assim descaminha São Paulo e o Brasil.